ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 69

MARÇO DE 2015

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA
DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC

Caixa postal 229 - CEP 88.010-970

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2014 para o período de agosto/2014 a agosto/2015:

Presidente:	Luis Claudio Fritzen
Vice-presidente:	Demétrio Delizoicov Neto
Primeiro secretário:	Ernani Santos Rebello
Segundo secretário:	Hugo Nestor Ciavattini
Primeira tesoureira:	Lucia de Oliveira Milazzo
Segundo tesoureiro:	Victor Emanuel Carlson
Diretor de Sede:	Romeu Odilo Trauer

Conselho fiscal:

Eduardo Schmitt	Daniela Suzuki (Suplente)
Marco Antonio Motta da Luz	João Alberto Brasil (Suplente)
Rubens Moser	Vitor Charles Capistrano (Suplente)

ÍNDICE GERAL

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Não é mais uma impressão, uma vontade de acertar. É uma convicção. Há tempo, estamos escrevendo sobre nossos esforços e conquistas mas somente agora tivemos a certeza de estar no caminho para fortalecer o colecionismo. Caminho este feito de detalhes: a promoção de cursos para colecionadores iniciantes e veteranos; as reuniões semanais, que possibilitam melhor entrosamento entre participante bem como a troca de conhecimentos; a organização do nosso encontro anual de colecionismo; a feitura de nossos boletins e mais recentemente, a revitalização de nossa biblioteca, que fica à disposição dos interessados.

Sem querer fazer um balanço, nós nos sentimos satisfeitos com o rumo tomado por nossa Associação pois ele oportuniza, sem limites, o crescimento de todos nós, colecionadores.

Luis Claudio Fritzen
Presidente da AFSC

Em agosto venha a FLORIANÓPOLIS

ENCONTRO DE COLECIONADORES

167º Encontro de Filatelistas e Numismatas de Santa Catarina

Primeiro e 2 de agosto de 2015

Convidamos associados, amigos e suas famílias para dois dias de trocas de selos, cédulas, moedas, bem como todo tipo de material colecionável e antiguidades.

Hotel CASTELMAR - Rua Felipe Schmidt, 1260

ENTRADA FRANCA

Para mais informações veja na internet: www.afsc.org.br

A padronização do Mil-Réis (1918 - 1942)

Márcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)

Figura 1 – Gravura do Barão do Rio Branco (1845-1912), gravado por *Robert Savage* (1868-1943) da *American Bank Note Company* (ABNCo.) s/d. Esta gravura foi utilizada pela primeira vez na cédula de 5$000 réis de 1913 (P.24; R095).

Introdução

Até 1942, o Brasil utilizou como padrão monetário o Real, consubstanciado no seu múltiplo, o Mil-Réis. Quando da mudança da unidade monetária em 1942, as argumentações utilizadas para a substituição do Mil-Réis pelo Cruzeiro foram entre outras: *que o antigo sistema não atendia o princípio da singularidade, eis que a unidade monetária se compunha de mil unidades, sendo incompatível com o sistema decimal, já adotado pelo Brasil em 1862; que não havia uniformização dos tipos de cédulas, eis que existiam 62 tipos em circulação em 10 valores e que não havia padronização de tamanho, ocorrendo que mesmo cédulas de igual valor apresentavam dimensões distintas.*

Assim, o sistema foi considerado vetusto, necessitando ser substituído. Observando aqueles 62 tipos, à primeira vista, dificilmente se tem uma noção de conjunto, ainda mais se observarmos pela forma (classificação por valores) estabelecida pelos catálogos ([1]).

1 Os catálogos agrupam as cédulas por valores para facilitar a localização, no entanto, dificultam outras observações, por exemplo, o fato de a cédula pertencer a uma "família" de cédulas que apresentam características comuns.

Devemos ainda considerar que, naquela época, as cédulas eram emitidas por órgãos distintos, tanto pelo próprio Tesouro como pelo Banco do Brasil e pela Caixa de Estabilização.

A uniformização dos tipos de cédulas viria com o novo padrão, ou seja, com o Cruzeiro, que emitiu cédulas próprias, a partir de 1943.

Afinal, as cédulas do mil-réis teriam sido emitidas sem um ordenamento lógico como afirmavam os defensores da reforma? Ou isto foi apenas um pretexto a mais para implementar a mudança do padrão?

Analisando a questão, verificamos que, a partir de 1918 até 1942 ([2]), as cédulas seguiam uma padronização bem definida, conforme as empresas que realizavam a impressão. O sistema deixava a desejar pela falta de praticidade em virtude de não ser decimal e, ainda, pelo fato do Governo não desmonetizar as estampas antigas, fato este que persistiria mesmo com o advento do Cruzeiro, como veremos.

A Uniformização dos tipos de cédulas

Em 1941, segundo procedimentos administrativos da Caixa de Amortização, verificou-se a necessidade, apesar do período de Guerra, de se alterar o padrão monetário do Mil-Réis para o Cruzeiro. Vejamos o que nos informa F. dos Santos Trigueiros:

> "...em janeiro de 1941, o então Diretor da Caixa de Amortização, Gladstone Rodrigues Flores, informando um processo de sua repartição, encaminhou-o à Junta Administrativa, sugerindo a adoção do Cruzeiro. Estava a Junta promovendo uma concorrência para encomenda de novas estampas de papel-moeda, com o fim de ***uniformizar os tipos de cédulas*** e pareceu-lhe oportuna a modificação do padrão vigente, ***pois a disparidade de tamanho existia até entre cédulas do mesmo valor.*** Quando a nova unidade surgiu, tínhamos em circulação cinqüenta e seis tipos de notas ([3]), sendo 35 do Tesouro, 14 do Banco do Brasil e 7 da extinta Caixa de Amortização." (***in***, Dinheiro no Brasil. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 2ª Edição, 1987, p.192). (grifo nosso).

Como se sabe, desde o Império as cédulas brasileiras vinham sendo produzidas no exterior, situação esta que se manteria praticamente inalterada até 1970. Apenas na década de 80 passamos a produzir o papel de impressão que antes era importado.

Mudar o padrão e uniformizar os tipos de cédulas, que era um argumento oportuno, escondia, na verdade, uma falha governamental, qual seja, o não recolhimento das estampas antigas que continuavam em circulação, mesmo aquelas emitidas no início do século.

2 As cédulas do mil-réis impressas pela ABNCo. continuaram a ser emitidas até 1942, com pequenas diferenças no que tange à posição dos elementos de identificação individual (número da cédula, da estampa e da série). A última concepção de estampa da ABNCo. foi a da cédula de 500 mil-réis de 1931.

3 Em realidade, existiam 62 tipos de cédulas em circulação, conforme nos referimos na matéria intitulada "*O Meio Circulante na Mudança da Unidade Monetária (do Mil-Réis para o Cruzeiro em 1942)*", publicada no boletim da AFSC número 46, de setembro de 1999, p. 17-22.

Uma análise das espécies circulantes em 1942 anteriores à reforma do padrão

Como vimos, em 1942 tínhamos 62 tipos de cédulas em circulação, em 10 valores (1, 2, 5, 10, 20, 50, 100, 200, 500 mil-réis e 1 conto de réis ([4]). Com exceção das cédulas impressas pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ), todas haviam sido impressas no exterior, por três empresas distintas, são elas: *American Bank Note Company* (ABNCo.) de Nova York, *Cartiere P. Milani* (CPM) de Milão ([5]) e *Wartelow & Sons limited* (W&S) de Londres.

Para ficarmos em um só exemplo, vejamos as cédulas de 1$000 réis, circulantes em 1942:

Cédulas emitidas pelo Tesouro Nacional:

1. 1$000 (1918 - 1950) – 9ª estampa – ABNCo. (168 mm X 76 mm) R076; P.5[6]
2. 1$000 (1919 - 1950) – 10ª estampa – ABNCo. (148 mm X 68 mm) R077; P.6
3. 1$000 (1920 - 1950) – 11ª estampa – CMBRJ (126 mm X 62 mm) R078; P.7
4. 1$000 (1921 - 1950) – 12ª estampa – CMBRJ (144 mm X 70 mm) R079; P.8
5. 1$000 (1923 - 1950) – 13ª estampa – CMBRJ (137 mm X 70 mm) R080; P.9

Cédula emitida pelo Banco do Brasil:

6. 1$000 (1923 - 1955) – 1ª estampa – ABNCo. (123 mm X 62 mm) R193; P.110B

Podemos constatar que havia 6 tipos de cédulas de 1$000 réis em circulação em 1942, impressas por duas empresas, a *ABNCo.* e a CMRJ. Todas com dimensões distintas e motivos diferentes, à exceção das impressas pela CMRJ, que homenageavam David Campista.

Da cédula de 10 mil-réis existiam 9 tipos...

Vejamos o que cada empresa produziu durante este período (1918-1942).

A família com o anverso em azul impressa pela *American Bank Note Company* (ABNCo.) de Nova York

A partir das cédulas de 10$000 (14ª estampa), 100$000 (14ª estampa) e 500$000 (12ª estampa), todas impressas pela ABNCo. e emitidas pelo Tesouro Nacional em 1918, temos a padronização das cédulas impressas por aquela empresa, que seguirá o mesmo feitio até a última estampa, qual seja, a da cédula de 500 mil-réis da 15ª estampa (1931-1955). Esse mesmo visual, elaborado pela ABNCo. a partir de 1918, teve continuidade nas novas cédulas do cruzeiro, emitidas a partir de 1943.

4 Oportuno notar que as primeiras cédulas próprias do Cruzeiro, lançadas em 1943-44, compunham-se de 10 valores, ou seja, 1, 2, 5, 10 , 20, 50, 100, 200, 500 e 1000 cruzeiros. Todas haviam sido impressas pela ABNCo. e apresentavam o anverso na cor azul com um medalhão central, além de possuírem, todas, as mesmas dimensões (157mm X 67mm).

5 Estas cédulas não foram incluídas neste estudo por terem sido emitidas antes de 1918.

6 Apresentamos, na sequência, o valor da cédula, o ano de emissão e desmonetização, a estampa, a empresa impressora, as dimensões, o número da cédula no catálogo brasileiro e internacional.

Figura 2 – *Specimen* da cédula de 10 mil-réis da 14ª estampa (1918-1950), R107s; P.36, (171 mm X 80 mm), impressa pela American Bank Note Company (ABNCo.) para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é Campos Salles (*). Essa foi uma das primeiras cédulas emitidas dessa "família", que teve inicio em 1918 e que manteve as mesmas linhas gerais até a última concepção, em 1931-42, da cédula de 500 mil-réis da 15ª estampa (1931-1955). (*) Manoel Ferraz de Campos Salles, Presidente da República de 1898 a 1902.

As características comuns do anverso dessas cédulas são: estampa em azul sobre fundo policrômico e um medalhão central com a efígie de um homenageado. É interessante notar que as dimensões aumentavam conforme o valor da cédula, ajudando na identificação e dificultando o trabalho dos falsários.

São 15 estampas em 9 valores, vejamos:

1. 1$000 (1919 - 1950) – 10ª estampa – ABNCo. (148 mm X 68 mm) R077; P.6
2. 2$000 (1919 - 1950) – 12ª estampa – ABNCo. (150 mm X 68 mm) R085; P.14
3. 5$000 (1924 - 1950) – 19ª estampa – ABNCo. (162 mm X 74 mm) R100; P.29
4. 10$000 (1918 - 1950) – 14ª estampa – ABNCo. (171 mm X 80 mm) R107; P.36
5. 10$000 (1924 - 1955) – 17ª estampa – ABNCo. (170 mm X 80 mm) R110; P.39
6. 20$000 (1919 - 1950) – 14ª estampa – ABNCo. (180 mm X 83 mm) R117; P.46
7. 20$000 (1924 - 1955) – 16ª estampa – ABNCo. (180 mm X 83 mm) R119; P.48
8. 50$000 (1924 - 1949) – 16ª estampa – ABNCo. (180 mm X 83 mm) R129; P.58
9. 100$000 (1918 - 1950) – 14ª estampa – ABNCo. (186 mm X 86 mm) R139; P.68
10. 100$000 (1924 - 1953) – 16ª estampa – ABNCo. (186 mm X 85 mm) R141; P.70
11. 200$000 (1919 - 1950) – 14ª estampa – ABNCo. (189 mm X 89 mm) R150; P.79
12. 200$000 (1924 - 1955) – 16ª estampa – ABNCo. (189 mm X 87 mm) R152 P.81
13. 500$000 (1918 - 1949) – 12ª estampa – ABNCo. (193 mm X 89 mm) R160; P.89
14. 500$000 (1924 - 1950) – 14ª estampa – ABNCo. (193 mm X 89 mm) R162; P.91
15. 500$000 (1931 - 1955) – 15ª estampa – ABNCo. (193 mm X 89 mm) R163; P.92

No reverso dessas cédulas já predominam os motivos nacionais exclusivos, exceção da Alegoria do Comércio e de Minerva, presentes nas cédulas de 5$000 réis (de 1924) e na de 20$000 réis (de 1919 e 1924), respectivamente. Esses motivos constam de outros produtos (cédulas, certificado de ações, etc.) impressos pela ABNCo. para outros países.

Figura 3 – *Specimen* da cédula de 5 mil-réis da 19ª estampa (1924-1950), R100s; P.29, (162 mm X 74 mm), impressa pela American Bank Note Company (ABNCo.) para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é o Barão do Rio Branco (*). Esta cédula guarda grandes similitudes com a de 5 mil-réis da 14ª estampa de 1913, quando se utilizou pela primeira vez a imagem do medalhão (figura 1).
(*) José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), Cônsul Geral do Brasil em Liverpool (1876 a 1893) e Ministro das Relações Exteriores (1902-1912), entre outros.

Figura 4 – Na sequência dos medalhões que ornam o anverso das cédulas, temos da esquerda para a direita: Regente Feijó (1$000 réis de 1919), Marquês de Olinda (2$000 réis de 1919), Barão do Rio Branco (5$000 réis de 1924), Campos Salles (10$000 de 1918 e 1924) e Deodoro da Fonseca (20$000 de 1919 e 1924).

Figura 5 – Na sequência dos medalhões que ornam o anverso das cédulas, temos da esquerda para a direita: Artur Bernardes (50$000 réis de 1924), Afonso Pena (100$000 réis de 1918 e 1924), Prudente de Morais (200$000 réis de 1919 e 1924), José Bonifácio (500$000 de 1918 e 1924) e Floriano Peixoto (500$000 de 1931).

Dos motivos nacionais temos: A Avenida Beira Mar, no Rio de Janeiro (10$000 réis de 1918 e 1924), a Vista do Flamengo, do Catete e do Largo do Machado, no Rio de Janeiro (100$000 réis 1918 e 1924), o Palácio Monroe, antiga sede do Senado, no Rio de Janeiro (200$000 réis de 1919 e 1924) e, finalmente, o Brasão da República (500$000 réis 1918, 1924 e 1931).

As cédulas impressas pela ABNCo. representavam a maior parte da circulação. Dessas 15 estampas foram impressas cerca de 279.900.000 cédulas ([7]) entre 1918 e 1942.

Figura 6 – Detalhe do reverso da cédula de 100$000 réis da 16ª estampa (1924-1953), R141; P.70, com Vista do Flamengo, do Catete e do Largo do Machado, no Rio de Janeiro. A cédula de 100$000 réis da 14ª estampa de 1918 traz a mesma vista na cor sépia.

A família xilográfica impressa pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ)

Nos anos 20, a Casa da Moeda do Rio de Janeiro imprimiu várias estampas para o Tesouro Nacional pelo processo xilográfico. Pela quantidade de estampas e de cédulas produzidas, essa iniciativa, talvez, tenha se constituído na mais ousada tentativa de se produzir o papel-moeda no Brasil, antes dos anos 70.

A xilografia é um processo de gravação feito à mão sobre madeira e que possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. No caso do papel-moeda, a madeira gravada era submetida ao processo da galvanoplastia (recobrimento metálico), obtendo-se, assim, uma matriz do que se pretendia imprimir.

Esse processo, quase artesanal, foi utilizado na época pela CMBRJ por não se ter o *know-how* na produção de papel-moeda por processos mais modernos como a calcografia ou talho doce (gravura em chapa de metal) utilizado pelos grandes impressores, como a *American Bank Note Company*, desde o Século XIX. Registra-se que se tratava de uma indústria altamente especializada e que, até os anos 60, existiam no mundo apenas cerca de vinte fabricantes.

A produção da Casa da Moeda do Rio de Janeiro, nos anos 20, pode ser considerada como experimental ([8]) e que se destinava, sobretudo, a complementar o meio circulante composto principalmente de cédulas impressas no exterior.

7 Número não oficial, baseado nas séries. Desse total, foram aproveitadas pela Caixa de Estabilização cerca de 700.000 cédulas e pelo próprio Tesouro Nacional cerca de 49.100.000 cédulas para as primeiras emissões do Cruzeiro através da dupla superimpressão. Outras 52.500.000 cédulas foram perdidas no Atlântico, por ocasião do torpedeamento dos navios durante a 2ª Guerra Mundial.

8 Aqui se trata apenas de uma opinião, ou seja, uma constatação do autor.

Figura 7 – *Specimen* da cédula de 2 mil-réis da 15ª estampa (1923-1950), R088; P.17, (143 mm X 71 mm), impressa pelo método xilográfico pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro (CMRJ) para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é Joaquim Murtinho (*). Essas cédulas impressas pela CMRJ foram emitidas pelo Tesouro Nacional entre os anos de 1920 e 1924, num total de 17 estampas, em 10 valores.
(*) Joaquim Duarte Murtinho (1848 - 1911), Ministro da Fazenda de Campos Salles.

Figura 8 – Na sequência dos medalhões que ornam o anverso das cédulas, temos da esquerda para a direita: David Campista (1$000 réis de 1920), novamente David Campista (1$000 réis de 1921), Joaquim Murtinho (2$000 réis de 1920) e novamente Joaquim Murtinho (2$000 réis de 1921), curiosamente mais jovem.

Figura 9 – Na sequência dos medalhões que ornam o anverso das cédulas temos da esquerda para a direita: Rodrigues Alves (5$000 réis de 1922), Sabino Alves Barroso Jr. (10$000 réis de 1924) e Ruy Barbosa (100$000 réis de 1924).

Foram produzidas pelo método xilográfico, pela CMRJ, 17 estampas em 10 valores, totalizando 34.850.000 cédulas, ou seja, aproximadamente 10% da produção da ABNCo. para o Brasil, entre 1918 e 1942, vejamos:

1. 1$000 réis (1920-1950) – 11ª estampa – CMRJ (126 mm X 62 mm) R078; P.7
2. 1$000 réis (1921-1950) – 12ª estampa – CMRJ (144 mm X 70 mm) R079; P.8
3. 1$000 réis (1923-1950) – 13ª estampa – CMRJ (137 mm X 70 mm) R080; P.9
4. 2$000 réis (1920-1950) – 13ª estampa – CMRJ (147 mm X 74 mm) R086; P.15
5. 2$000 réis (1921-1950) – 14ª estampa – CMRJ(146 mm X 72 mm) R087; P.16
6. 2$000 réis (1923-1950) – 15ª estampa – CMRJ (143 mm X 71 mm) R088; P.17
7. 5$000 réis (1920-1932) – 16ª estampa – CMRJ (157 mm X 75 mm) R097; P.26
8. 5$000 réis (1922-1932) – 17ª estampa – CMRJ (155mm X 76 mm) R098; P.27
9. 5$000 réis (1923-1932) – 18ª estampa – CMRJ (153 mm X 73 mm) R099; P.28
10. 10$000 réis (1923-1932) – 15ª estampa – CMRJ (172 mm X 86 mm) R108; P. 37
11. 10$000 réis (1924-1949) – 16ª estampa – CMRJ (167 mm X 84 mm) R109; P.38
12. 20$000 réis (1923-1932) – 15ª estampa – CMRJ (167 mm X 82 mm) R118; P.47
13. 50$000 réis (1923-1949) – 15ª estampa – CMRJ (174 mm X 86 mm) R128; P.56
14. 100$000 réis (1924-1932) – 15ª estampa – CMRJ (180 mm X 90 mm) R140; P.69
15. 200$000 réis (1922-1932) – 15ª estampa – CMRJ (184 mm X 90 mm) R151; P.80
16. 500$000 réis (1924-1932) – 13ª estampa – CMRJ (183 mm X 90 mm) R161; P.90
17. 1.000$000 réis (1921-1950) – 1ª estampa – CMRJ (200 mm X 93 mm) R164; P.93

Figura 10 – Alegoria da Agricultura, detalhe que orna o anverso da cédula de 10$000 réis de 1923 (15ª estampa) impressa pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro pelo método xilográfico. Essa cédula circulou por nove anos e foi desmonetizada em 1932.

Não encontramos ainda os motivos que levaram o Tesouro Nacional a desmonetizar quase a metade das estampas impressas pela CMRJ, em 1932. Falsificação excessiva? Desgaste anormal? Boa parte delas sofreu falsificação, mas as da ABNCo. também foram falsificadas apesar de utilizarem métodos mais aperfeiçoados.

A família de 1936 impressa pela *Waterlow & Sons* de Londres (W&S)

Em 1936, a empresa inglesa *Waterlow & Sons* (W&S) ([9]) de Londres imprimiu para o Tesouro Nacional três valores, 50, 100 e 200 mil-réis. Uma característica marcante desses valores impressos pela W&S é o fato de apresentarem, além da numeração arábica tradicional, o valor da cédula em algarismos romanos, ou seja, 50 (L), 100 (C) e 200 (CC).

Figura 11 – *Specimen* da cédula de 50 mil-réis da 17ª estampa (1936-1952), R130s; P.59, (139 mm X 78 mm), impressa pela Waterlow & Sons Ltd. (W&S) para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é Joaquim Xavier da Silveira Junior (*). No reverso dessa cédula temos o Monumento do Ipiranga, em São Paulo.
(*) Prefeito do antigo Distrito Federal (1901 - 1902).

Foram impressas 18.100.000 cédulas dos três valores indicados e todas foram desmonetizadas em 1952, vejamos:

1. 50$000 (1936 - 1952) – 17ª estampa – W&S (139 mm X 78 mm) R130; P.59
2. 100$000 (1936 - 1952) – 17ª estampa – W&S (148 mm X 76 mm) R142; P.71
3. 200$000 (1936 - 1952) – 17ª estampa – W&S (156 mm X 79 mm) R153; P.82

Figura 12 – Os três homenageados nas cédulas impressas pela W&S, da esquerda para direita temos: Xavier da Silveira (50 mil-réis), Santos Dumont (100 mil-réis) e Saldanha Marinho (200 mil-réis).

9 Ver matéria *intitulada "Waterlow & Sons impressores de papel-moeda e outros documentos de segurança (1810-1961)"*, de nossa autoria, publicada no Boletim da AFSC n° 66, agosto de 2012, p.4-15.

Figura 13 – Reverso da cédula de 200 mil-réis com vista do Flamengo e Jardins da Glória, no Rio de Janeiro.

A cédula de 50 mil-réis da 17ª estampa da W&S foi reaproveitada para as primeiras emissões do Cruzeiro em 1942, recebendo uma dupla superimpressão em forma de rosácea, com os seguintes dizeres: CASA DA MOEDA – 50 CRUZEIROS. Foram aproveitadas um pouco mais de 700.000 cédulas, das séries 79/86 e algumas da série 42. Essa é uma das cédulas mais escassas da coleção brasileira.

A família do Banco do Brasil impressa pela *American Bank Note Company* (ABNCo.) de Nova York

Em 1923, foi o Banco do Brasil novamente autorizado a emitir ([10]). Seria a última vez e por um breve período, apenas três anos. Foram emitidas cédulas impressas pela ABNCo. nos valores de 1, 2, 5, 10, 20, 50, 100, 200, 500 mil-réis e 1 conto de réis, cédulas estas da 1ª estampa, todas emitidas em 1923.

Em 1926, o Governo Federal assumiu as emissões do Banco do Brasil e criou o Caixa de Estabilização na tentativa de uma reforma monetária que não logrou êxito.

Em 1930, em virtude da Revolução, o Banco do Brasil foi autorizado a fazer uma emissão de emergência. Surgem daí as cédulas da 2ª estampa, também impressas pela ABNCo. Os valores emitidos foram: 5, 10, 20 e 50 mil-réis.

A ABNCo. imprimiu para o Banco do Brasil cerca de 108.750.000 cédulas, sendo 14 estampas em 10 valores.

Todas essas cédulas seguem um mesmo padrão, no entanto, o Banco do Brasil utilizou, para as primeiras emissões, cédulas cedidas pelo Tesouro Nacional nos valores de 500$000 réis e 1 conto de réis, ambas da 1ª estampa impressas pela CMBRJ.

10 Lei n° 4.635 de 5 de janeiro de 1923. As últimas emissões do banco haviam ocorrido em 1893/94, com a denominação de Banco da República do Brasil, ou o 3° Banco do Brasil para alguns historiadores. O 4° Banco do Brasil nasceu com o decreto n° 1.455 de 30 de setembro de 1905 e vem até os nossos dias.

Figura 14 – *Specimen* da cédula de 1 conto do réis da 1ª estampa (1923-1955), R202s: P.123 (185 mm X 81 mm), impressa pela ABNCo. para o Banco do Brasil, cujo homenageado é D. Pedro I. No reverso, temos um painel com o quadro de Pedro Américo "Independência ou Morte" (O Grito do Ipiranga). Esse mesmo tema foi retomado na cédula de 200 cruzeiros de 1943 (C037-43).

Figura 15 – Na sequência dos medalhões que ornam o anverso das cédulas, temos da esquerda para a direita: Campos Salles (1$000 réis de 1923), Prudente de Morais (2$000 réis de 1923), Barão do Rio Branco (5$000 réis de 1930), Sampaio Vidal (10$000 de 1923) e Artur Bernardes (20$000 de 1923).

Figuras 16 e 17 – Na sequência dos medalhões que ornam o anverso das cédulas, temos da esquerda para a direita: Deodoro da Fonseca (50$000 réis de 1923), Regente Feijó (100$000 réis de 1923), D. Pedro II (200$000 réis de 1923), José Bonifácio (500$000 de 1923), D. Pedro I (1.000$000 réis de 1923), Rodrigues Alves (10$000 réis de 1930) e o Marquês de Olinda (50$000 réis de 1930).

Banco do Brasil (4°)

(CMBRJ)
1. 500$000 réis (1923-1924) – 1ª estampa – CMRJ (185 mm X 90 mm) R191; P.110
2. 1.000$000 réis (1923-1924?) – 1ª estampa – CMRJ (200 mm X 93 mm) R192; P110A

(ABNCo.)
1. 1$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (123 mm X 62 mm) R193; P.110
2. 2$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (125 mm X 64 mm) R194; P.111
3. 5$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (130 mm X 70 mm) R195; P.112
4. 10$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (138 mm X 71 mm) R196; P.114
5. 20$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (145 mm X 75 mm) R197; P.116
6. 50$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (154 mm X 75 mm) R198; P.118
7. 100$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (162 mm X 79 mm) R199; P.120
8. 200$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (169 mm X 79 mm) R200; P.121
9. 500$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa – ABNCo. (177 mm X 81 mm) R201; P.122
10. 1.000$000 réis (1923-1955) – 1ª estampa ABNCo. (185 mm X 81 mm) R202; P.123
11. 5$000 réis (1930-1955) – 2ª estampa ABNCo. (130 mmX 70 mm) R203; P.113
12. 10$000 réis (1930-1955) – 2ª estampa ABNCo. (137 mm X 72 mm) R204; P.115
13. 20$000 réis (1930-1955) – 2ª estampa ABNCo. (146 mm X 75 mm) R205; P.117
14. 50$000 réis (1930-1955) – 2ª estampa ABNCo. (153 mm X 76 mm) R206; P.119

A emissão do Banco do Brasil foi toda desmonetizada em 1955 e se constituiu, segundo Trigueiros, na série mais bem acabada do mil-réis, tanto no que diz respeito às características de segurança (foi das cédulas do mil-réis as de menor índice de falsificação), quanto ao fato das cédulas evoluírem em tamanho em proporção ao valor, facilitando a identificação e dificultando a adulteração e falsificação. O nome do Brasil foi escrito corretamente, com "S", enquanto as cédulas do Tesouro Nacional continuariam com "Z" até 1932. Nessa série, foram homenageados 12 personagens históricos (figuras 15 a 17) e todos os reversos apresentam motivos nacionais.

Figura 18 – Reverso da cédula de 20 mil-réis (R197; P.116) com vista do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. No anverso, temos Artur Bernardes, nascido em 1875, na cidade de Viçosa, em Minas Gerais.

A família da Caixa de Estabilização impressa pela *American Bank Note Company* (ABNCo.) de Nova York

Figura 19 – *Specimen* do bilhete de 1 conto do réis da 1ª estampa (1927-1951), R190s: P.109 (193 mm X 92 mm), impressa pela ABNCo. para a Caixa de Estabilização. No medalhão, temos um rosto de mulher (alegoria) obra do gravador Sukeichi Oyama, da ABNCo., com base na pintura de Paul Thumann's – "The Fates" (*).
(*) Veja sobre esse assunto o artigo "Joaquim Murtinho e o caso da Cédula de 2 mil-réis de 1900" de nossa autoria, publicado no Boletim da AFSC n°63, de março de 2011, p.4-19.

A Caixa de Estabilização foi criada pelo Decreto n°5.108 de 18 de dezembro de 1926, que tinha como objetivo uma reforma monetária, que visava a criação do Cruzeiro e a conversibilidade de todo o papel-moeda em circulação, em ouro, na base de 2 gramas para 10$000 réis.

Inicialmente foram utilizadas cédulas aproveitadas do Tesouro Nacional, todas impressas pela ABNCo., quais sejam: 10$000 réis da 17ª estampa, 20$000 réis da 16ª estampa, 50$000 réis da 16ª estampa, 100$000 réis da 16ª estampa, 200$000 réis da 16ª estampa e 500$000 réis da 14ª estampa.

Os bilhetes apresentavam uma superimpressão onde se lê: "A CAIXA DE ESTABILIZAÇÃO pagará ao portador, à vista, no Rio de Janeiro, em ouro, conforme a Lei nº 5.108, de 18 de dezembro de 1926, a quantia de (...) VALOR RECEBIDO EM OURO".

Figura 20 – Detalhe do bilhete de 50$000 réis da 16ª estampa (1926-1951), R180; P.109C (180 mm X 83 mm), impresso pela ABNCo. inicialmente para o Tesouro Nacional (R129; P.58) e aproveitado pela Caixa de Estabilização com superimpressão.

Os bilhetes próprios da Caixa de Estabilização foram emitidos em 1927. Impressos também pela ABNCo. traziam, todos eles, no anverso, o mesmo rosto de mulher do reverso da cédula de 100$000 réis (R136: P.65) de 1909. Essa efígie é obra do gravador *Sukeichi Oyama*, da ABNCo., com base na pintura de Paul Thumann's – "The Fates" (figura 19).

A efígie enigmática de mulher apresenta pequenas variações, segundo os valores. As chancelas também apresentam variações que ainda não encontram reflexo nos catálogos.

Figura 21 – Reverso do bilhete de 100$000 réis da Caixa de Estabilização (1927-1951) R187; P.106 (187 mm X 85 mm). O prédio representado, que se situa na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, serviu à Caixa de Estabilização de 1926 a 1930. Hoje, abriga o Departamento do Meio Circulante (MECIR) do Banco Central.

Figura 22 – Reverso do bilhete de 500$000 réis da Caixa de Estabilização (1927-1951) R189; P.108 (192 mm X 91 mm). Representação do quadro de Victor Meirelles de 1872, intitulado "Combate Naval do Riachuelo" (420 cm X 820 cm), batalha da Guerra do Paraguai, que se encontra no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

Caixa de Estabilização

Aproveitadas do Tesouro Nacional
1. 10$000 (1926 - 1951) – 17ª estampa – ABNCo. (171 mm X 80 mm) R178; P.109A
2. 20$000 (1926 - 1951) – 16ª estampa – ABNCo. (180 mm X 83 mm) R179; P.109B
3. 50$000 (1926 - 1951) – 16ª estampa – ABNCo. (180 mm X 83 mm) R180; P.109C
4. 100$000 (1926 - 1951) – 16ª estampa – ABNCo. (186 mm X 85 mm) R181; P.109D
5. 200$000 (1926 - 1951) – 16ª estampa – ABNCo. (189 mm X 87 mm) R182; P.109E
6. 500$000 (1926 - 1951) – 14ª estampa – ABNCo. (193 mm X 89 mm) R183; P.109F

Próprias da Caixa de Estabilização
1. 10$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (170 mm X 80 mm) R184; P.103
2. 20$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (180 mm X 85 mm) R185; P.104
3. 50$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (182 mm X 85 mm) R186; P.105
4. 100$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (187 mm X 85 mm) R187; P.106
5. 200$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (188 mm X 90 mm) R188; P.107
6. 500$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (192 mm X 91 mm) R189; P.108
7. 1.000$000 (1927 - 1951) – 1ª estampa – ABNCo. (193 mm X 92 mm) R190; P.109

Com a crise mundial de 1929, foram necessários apenas alguns meses para que as reservas metálicas da Caixa de Estabilização se esgotassem e inviabilizassem o êxito da reforma. O Decreto n° 19.423 de 11 de novembro de 1930 encerrou suas atividades. Seus bilhetes continuaram em circulação e puderam ser trocados, com ágio, pelo Banco do Brasil até 1951 (Decreto n° 20.621 de 7 de novembro de 1931).

Foram impressas cerca de 66.200.000 cédulas próprias para a Caixa de Estabilização e cerca de 700.000 aproveitadas do Tesouro Nacional.

Conclusão

Em 1942, tínhamos em circulação 62 cédulas do mil-réis (estampas) em 10 valores. Das cédulas que seguem um padrão definido, ou seja, apresentam características comuns e que foram emitidas a partir de 1918, temos:

- As cédulas impressas pela **ABNCo.** para o **Tesouro Nacional: 15 estampas em 9 valores** (1918-1942).
- Os bilhetes impressos pela **ABNCo.** para a **Caixa de Estabilização: 13 estampas em 7 valores** (1926-1927).
- Os bilhetes impressos pela **ABNCo.** para o **Banco do Brasil: 14 estampas em 10 valores** (1923-1930).
- As cédulas impressas pela **CMRJ** para o **Tesouro Nacional: 9 estampas em 5 valores** (1920-1924).[11]

11 Oito estampas foram desmonetizadas em 1932.

- As cédulas impressas pela **W&S** para o **Tesouro Nacional: 3 estampas** em **3 valores** (1936)

Foram emitidas 62 estampas de maneira ordenada (acima temos 54, já que 8 cédulas da CMRJ foram desmonetizadas em 1932). Como vimos, tínhamos, também, 62 estampas em 1942, 54 que circulavam, somadas as 8 estampas que não fazem parte dessas famílias (6 estampas da ABNCo. e 2 da CPM), compondo as 62 estampas em circulação (coincidência numérica).

Naquele mesmo ano de 1942, com o surgimento do Cruzeiro, foram aproveitadas 8 cédulas do mil-réis através da utilização da dupla superimpressão, aumentando para 70 os tipos de cédulas em circulação.

Em 1943 e 1944, foram lançadas as novas cédulas do Cruzeiro (de aspecto e dimensões padronizadas), em 10 estampas e 10 valores, impressas pela ABNCo., aumentando para 80 tipos as cédulas em circulação. Em 1948, surge a cédula de 500 cruzeiros da 2ª estampa impressa pela *Thomas de La Rue de Londres* (TDLR), seguida, em 1949, das cédulas de 50, 100, 200 e 1000 cruzeiros. Temos, assim, 85 estampas em circulação em 1949.

Em 1950, três antigas cédulas do mil-réis saem de circulação e temos mais três novas cédulas do Cruzeiro da 2ª estampa, permanecendo 85 estampas em circulação. Pensamos ser esse o maior número de tipos de cédulas em circulação de todos os tempos, até o presente.

Em 1955, ano em que todas as cédulas do mil-réis foram desmonetizadas, ainda havia 18 estampas desse padrão em circulação.

Assim, o Governo substituiu o padrão como era necessário, mas deixou as antigas estampas em circulação por mais de uma década e não é sem motivo que as cédulas do mil-réis são mal conservadas, eis que circularam à exaustão.

A disparidade de tamanho das cédulas, tão mencionada nas justificativas para a substituição do sistema do mil-réis, e que foi eliminada no início do Cruzeiro, voltou depois a ser considerada uma vantagem, como podemos constatar com as atuais cédulas do real que evoluem de tamanho à medida que cresce o valor.

O antigo sistema seguiu um padrão bem definido, que pode ser observado na classificação das cédulas conforme o impressor. Assim, temos as cédulas do Tesouro Nacional (impressas pela ABNCo., CMRJ e W&S), as cédulas do Banco do Brasil (impressas pela ABNCo.) e as cédulas da Caixa de Estabilização (impressas pela ABNCo.).

Figura 23 – Detalhe do reverso da cédula de 5$000 réis (1924 - 1950) – 19ª estampa – ABNCo. (162 mm X 74 mm) R100; P.29. Alegoria da Indústria e do Comércio.

Durante este período (1918-1942), as cédulas do Tesouro Nacional constituíam o grosso da circulação, diríamos a principal e as outras foram projetos que não tiveram seguimento, as emissões do Banco do Banco do Brasil e da Caixa de Estabilização.

As cédulas impressas pela CMBRJ foram feitas de forma experimental e se destinavam a complementar as cédulas impressas no exterior.

Quando da mudança do padrão, em 1942, na prática, foram cortados os zeros, eis que os valores continuaram os mesmos, sem os zeros, sendo o sistema apenas simplificado. A aparência das cédulas também foi mantida, anverso em azul.

Bibliografia:

- Casa da Moeda do Brasil. Cleber Baptista Gonçalves. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2ª edição, 1989.

- Catálogo do papel-moeda do Brasil 1771-1986, emissões oficiais, bancárias e regionais. Violo Ídolo Lissa. Brasília: Editora Gráfica Brasiliense, 3ª edição, 1987.

- Catálogo J. Vinicius de Cédulas do Brasil, 1982.

- Cédulas Brasileiras da República. Emissões do Tesouro Nacional. F. Dos Santos Trigueiros (org.). Rio de Janeiro: Banco do Brasil. 1965.

- Cédulas do Brasil 1833 a 2011. Claudio Patrick Amato, Irlei Soares das Neves, Julio Ernesto Schütz, 5ª edição, 2011.

- Diário Oficial da União – Editais da Caixa de Amortização, diversos números entre 1918 e 1955.

- Dinheiro no Brasil. F. dos Santos Trigueiros, Leo Cristiano Editorial Ltda., 2ª edição, 1987.

- Iconografia do Meio Circulante, Banco Central do Brasil, 1972.

- Os Bancos Centrais. Augusto F.R. Magalhães, Rio de Janeiro, A Casa do Livro, 1971.

- *Standart Catalog of World Paper Money* – General Issues (1368-1960), Krause Publications, 12th edition, Iola, 2008.

ANEXO - Nas páginas seguintes apresentamos algumas comparações entre emissões do Mil-Réis e do Cruzeiro que julgamos interessantes para complementação do artigo.

(*) Marcio Rovere Sandoval
E-mail: marciosandoval@hotmail.com
Blog: http://sterlingnumismatic.blogspot.ca

Figura 1 – *Specimen* da cédula de 5 mil-réis da 14ª estampa (1913-1950), R095s; P.24, (160 mm X 74 mm), impressa pela ABNCo. para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é o Barão do Rio Branco. A gravura do medalhão foi realizada por Robert Savage (1868-1943), da ABNCo, s/d. A cor e a estética do reverso da cédula correspondem aos primeiros anos da República, ou seja, estampa em negro sobre fundo policrômico.

Figura 2 – *Specimen* da cédula de 5 mil-réis da 19ª estampa (1924-1955), R100s; P.29, (162 mm X 74 mm), impressa pela ABNCo. para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é o Barão do Rio Branco. Trata-se do mesmo medalhão e características semelhantes em relação à figura 1. Diríamos aqui que a cédula foi atualizada com nova roupagem para se adequar a nova família, notadamente com a mudança na cor, ou seja, estampa em azul sobre fundo policrômico.

Figura 3 – *Specimen* da cédula de 5 cruzeiros 1ª estampa (1943-1967), C017s; P.134, (157 mm X 67 mm), impressa pela ABNCo. para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é o Barão do Rio Branco. Novamente o mesmo medalhão e demais características guardando semelhança com aquelas das figuras 1 e 2. Diríamos aqui, novamente, que a cédula foi atualizada com uma nova roupagem para se adequar a nova família do Cruzeiro; de 5$000 réis para 5,00 cruzeiros. Foram 54 anos de convívio com esta gravura do Barão do Rio Branco, em quatro estampas. A quarta foi gravada em 1950 pela Thomas de La Rue & Company de Londres, a partir do mesmo retrato, constituindo-se na 2ª estampa da cédula de 5 cruzeiros, que também circulou até 1967. A diferença marcante das cédulas impressas na Inglaterra é que a cor do anverso é marrom.

Figura 4 – *Specimen* da cédula de 20 mil-réis da 16ª estampa (1924-1955), R119s; P.48, (180 mm X 83 mm), impressa pela ABNCo. para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é Deodoro da Fonseca.

Figura 5 – *Specimen* da cédula de 20 cruzeiros 1ª estampa (1943-1972), C023s; P168b., (157 mm X 67 mm), impressa pela ABNCo. para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é Deodoro da Fonseca. Trata-se do mesmo medalhão e características semelhantes em relação à figura 4. A mesma atualização que ocorreu nas demais cédulas analisadas.

Figura 6 – *Specimen* da cédula de 1 conto do réis da 1ª estampa (1923-1955), R202s; P.123 (185 mm X 81 mm), impressa pela ABNCo. para o Banco do Brasil, cujo homenageado é D. Pedro I.

Figura 7 – *Specimen* da cédula de 200 cruzeiros da 1ª estampa (1943-1973), C042s; P.171b (157 mm X 67 mm), impressa pela ABNCo. para o Tesouro Nacional, cujo homenageado é D. Pedro I. Trata-se do mesmo medalhão e características semelhantes em relação à figura 6.

SELOS DE HOTEL DA SUIÇA

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

No final do século XIX, grande parte dos estabelecimentos hoteleiros suíços estavam situados nos Alpes, em áreas remotas, ou seja, distantes dos centros urbanos, razão pela qual os hóspedes tinham dificuldades para enviar suas missivas.

Os hotéis passaram a disponibilizar o serviço de encaminhamento das correspondências, dos estabelecimentos até a Administração Postal, que por sua vez fazia a remessa até os reais destinatários. Para as despesas de trânsito, foram criados alguns selos de 5 e de 10 cêntimos, os quais, mesmo sendo privados, eram geralmente colados nos envelopes, ao lado dos selos oficiais.

Correspondência postada em 16 de agosto de 1882, com selo de hotel e porte de 25 cents, para Londres, Inglaterra, aonde chegou no dia seguinte. O envelope foi reendereçado para Leipzig, Alemanha, tendo para isso recebido o selo inglês de 2½ d. Chegou ao novo destino em 20 de agosto de 1882, conforme carimbo no verso.

Conhecemos selos de alguns hotéis:

BELAP
(próximo à cidade de Brig, Cantão de Valais)
5 c, violeta, com indicação do valor, 1873
5c, violeta e 5 c marron avermelhado, 1876
5 c, violeta, 1880

ENGELBERG
(cercanias de Sonnenberg, Cantão de Zurich)
Sem indicação de valor, em preto sobre papéis coloridos, 1874

GLION SUR MONTREAUX
(Montreaux, Cantão de Vaud)
Sem valor, vinheta com quadro duplo, indicando o hotel no lado esquerdo e o lago Genebra, cerca de 1897

MADERANER TAL
(perto de Amsteg, Cantão de Lucerna)
5c, ultramar, legenda "Franco", 1870
5 c, azul ultramar, legenda "Franco", 1871
5c, celeste, legenda "Franco", 1872
5c, azul ultramar, legenda "Franco", sem picote, 1874
5c, ultramar, legenda "Franco", pic. 11
Sem valor, legenda "Extra Dienst", cores ultramar, azul e azul escuro, 1884/85

MURREN – GRANDE HOTEL DOS ALPES
(próximo a Grunnen, Cantão de Schweys)
Sem valor, vinheta com vista do hotel, data mais antiga conhecida é de 1889

PIORA TAL
(no Monte St. Gottardo, em Airolo, Cantão de Tisino)
5c, azul, com legenda "Franco", sem picote, 1882
Sem valor, e sem legenda, marrom escuro, picotagem 11 ½, 1889
Sem valor, e sem legenda, marrom vinho, picotagem 12 3/4, 1889

RIGI KALTBAD
(Kaltbad, Cantão de Argovia)
Sem valor, vermelho, desenho rosa dos Alpes, sem picote, 1864
Sem valor, vermelho alaranjado, desenho rosa dos Alpes, sem picote, 1864
Sem valor, vermelho, desenho rosa dos Alpes, picote 11 1/2, 1864

RIGI KULM
(Unterkulm, Cantão de Argovia)
10 c, carmin e azul, rosa dos Alpes, 1870
10 c, carmin e azul ultramar, rosa dos Alpes, 1870
10 c, vermelho e ultramar, rosa dos Alpes, 1870
10 c, carmin e ultramar, rosa dos Alpes, 1870
10 c, rosa e azul ultramar, rosa dos Alpes, 1880
Sem indicação de valor, legenda "Shreiberg's" e "Rigi Kulm Hotels", 1885

RIGI SCHEIDECK
(cerca de Gersau, Cantão de Schwyz)
Sem valor, verde/verde amarelado, legenda "Rigi Scheidck", 1868
Sem valor, rosa, legenda "Rigi Scheidck", 1868
Sem valor, azul, legenda "Rigi Scheidck", 1868
Sem valor, azul, desenho pomba e legenda "Scheidck" e "Hausert & Stierlin", 1881
Sem valor, rosa, desenho pomba e legenda "Scheidck" e "Hausert & Stierlin", 1881
Sem valor, azul, desenho maior pomba e legenda "Scheidck" e "Hausert & Stierlin", 1881

RIGI STAFFEL
(perto de Schwyz, Cantão de Schwyz)
Sem valor, lilás, desenho com a legenda "Hotel Pensão – Rigi Staffle Schwyz", 1879
Sem valor, vermelho, desenho com a legenda "Hotel Pensão – Rigi Staffle Schwyz", 1888

SAINT GOTTHARD – HOTEL DU MONT PROSA
(proximidades de Airola, Cantão de Tisino)
5c, verde, vista do hotel, 1883
Sem cifra, avermelhado, tamanho maior, 1889

ST. MORITZ – NEVES STAHLBAD
(Sant Moritz, Cantão de Grisones)
Sem valor, preto e vermelho, Cruz Suiça, 1892
Sem valor, preto, vermelho e amarelo, Cruz Suiça, 1892
Sem valor, preto,vermelho e cinza esverdeado, Cruz Suiça, 1892
Sem valor, preto, vermelho e azul esverdeado,, Cruz Suiça, 1892
Sem valor, preto, vermelho e champagne, Cruz Suiça, 1892
Sem valor, preto,vermelho e lilás, Cruz Suiça, 1892
Sem valor, preto, vermelho e azul acizentados, Cruz Suiça, 1892

HOTEL ENGADINE
(St. Moritz, Cantão de Grisones)
Sem valor, vista do hotel, cinza escuro e amarelo, 1897
Sem valor, vista do hotel, marrom e rosa, 1899

HOTEL TOGNONI
(perto de Tiznen, Cantão de Grisones)
Sem valor, vista do hotel, preto, 1897

KURORT STOOS
(proximidades de Brennen, Cantão de Schwyz)
Sem valor, vinheta com legenda do hotel em vermelho sobre papel prateado, 1871
Sem valor, vinheta com Cruz suíça e legenda, 1874
Sem valor, corneta postal, com legenda, papel grosso e papel fino, nas cores vermelho alaranjado, azul e verde, 1877
Sem valor, violeta dos Alpes com legenda, em cores vermelho carmin, azul, ultramar, azul escuro e amarelo, 1888

HOTEL RHÄTIA
(Thusis, perto de Zofingen, Cantão de Argovia)
Sem valor, marrom escuro e amarelo claro, 1897

Os regulamentos dos Correios da Suíça, de 20 de setembro de 1883, proibiram tal prática. Mas, como podemos observar, muitos estabelecimentos hoteleiros continuaram a emitir após tal data, infringindo o que fora estabelecido.

As Medalhas contam a História do Brasil - IX

Coroação de D. Pedro II - Ordo et Felicitas - 1841

Claudio Amato - São Paulo, SP (*)

Com a ida de D. Pedro I para Portugal, abdicando em nome do seu filho Pedro de Alcântara, após um período de Regências e atendendo ao clamor popular, em 23 de julho de 1840 e com 15 anos de idade, o futuro imperador do Brasil foi emancipado.

Para por fim às incessantes batalhas políticas para o posto de Regente e para dar força ao enfraquecido governo imperial, lidando naquele tempo com a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, a Sabinada na Bahia, a Balaiada no Maranhão e a Cabanagem no Pará, coube ao Regente Pedro de Araujo Lima, a missão de perguntar ao futuro Imperador se era de sua vontade assumir imediatamente o posto. A resposta do então Infante D. Pedro foi: "Quero já".

Uma vez que foi consentida pelo infante, resolvida a necessidade constitucional da maioridade, a sagração e coroação de D. Pedro II foi marcada para o dia 18 de julho de 1841 e a cidade do Rio de Janeiro cuidadosamente preparada para a cerimônia. As festas foram encerradas no dia 24 de julho, com um grandioso Baile de Gala, no Paço da Cidade.

Já naquele tempo, D. Pedro II, filho de pai português e mãe austríaca, tinha a tendência a exaltar a nacionalidade brasileira. Assim, escolheu para constar na medalha de sua coroação a figura de um índio, no exato momento em que lhe colocava a coroa imperial.

Começava então a trajetória política de um dos personagens mais importantes da história brasileira e o principal responsável pela manutenção da unidade nacional num momento em que todo o restante da América do Sul estava se fragmentando.

<u>Dados Técnicos da Medalha:</u>

Materiais: Prata, Cobre, Ferro e Chumbo
Diâmetro: 60 mm
Pesos: Prata: 102 gramas; Cobre: 83 gramas; Ferro: desconhecido e Chumbo: 92 gramas.
Gravador: Carlos Custódio de Azevedo
*Referência Catalográfica: **1841.A01** (Livro das Medalhas do Brasil - Claudio Amato).*

(*) Claudio Amato
E-mail: camato@claudioamato.com.br

LER MAIS

Para este número, selecionamos os seguintes títulos encontrados na Biblioteca da AFSC e à disposição dos associados:

1. O livro "Puentes: Librando Obstaculos". Esse trabalho descreve uma das mais importantes coleções temáticas de Filatelia das Américas, pertencente a David Braun. Coleção ouro FIP, em Israel, em 2008. Livro editado em 2009, pelo Museu de Filatelia de Oxaca, no México. Em espanhol. Ótima fonte para consulta, em cores. Descreve várias peças filatélicas, orientando colecionadores didaticamente.

2. O catálogo "Moedas de Portugal", de Reinaldo Silva, editado em 2012, por NND Publicações, Lisboa. O trabalho descreve as moedas portuguesas cunhadas de 1706 a 2012. Conta em 320 páginas, em cores, 306 anos da História Portuguesa em numária. Essa edição apresenta importante acréscimo às anteriores, eis que trata dos reinados de D. João V (1706-1750) e de D. José I (1750-1777).

3. O livro "Estampas Eucalol", de Samuel Gorberg. O livro mostra, em muito boa imagem colorida, as figuras que acompanhavam os sabonetes Eucalol entre 1930 e 1960. Interessante obra editada em 2000, em formato de 21 x 30 cm. São 274 páginas em cores. Na introdução, ao narrar a história da empresa Myrta, ilustra com publicidade da época.

4. O livro "Os Olhos de Cabra", escrito por F. da Nova Monteiro, editado em 1948, como o volume 3 da Biblioteca do Filatelista, organizado pelo Clube Filatélico do Brasil. 85 páginas, ilustrado. Reproduz os clichês completos de duas provas dos selos de Hotéis, tiradas das originais.

Dobrão
Uma breve história

Juliano Natal - Florianópolis, SC (*)

Tempo houve em que as moedas valiam muito, eram utilizadas em grandes negociações e representavam o principal meio de pagamento de serviços e bens em nosso território. Como um forte exemplo, é destacado o Dobrão de 20.000 réis, cunhado na Casa da Moeda de Minas Gerais entre os anos de 1724 e 1727. Essa moeda, indispensável nas coleções dos numismatas brasileiros, simboliza também o auge da exploração aurífera no Brasil.

Contexto histórico

Com o fim do ciclo do açúcar, o centro econômico do Brasil, antes situado na Região Nordeste, deslocou-se para a região das minas, como consequência da extração de pedras preciosas e a descoberta de aluviões de ouro, no final do século XVII. Próximas às explorações auríferas, várias vilas tornaram-se cidades e as cidades transformaram-se em grandes centros comerciais, sociais, culturais, tudo isso motivado pela explosão do ciclo do ouro, que teve seu auge entre 1720 e 1760. Teatros, escolas, igrejas, órgãos públicos foram criados. A arte Barroca disseminou-se e desenvolveu-se em inúmeras cidades de Minas Gerais. Vila Rica (atual Ouro Preto), Mariana, São João Del Rei e Tiradentes foram as localidades que mais prosperaram na época. A febre do ouro fez com que, aproximadamente, 600 mil escravos trabalhassem nas áreas de mineração.

Com a mudança do centro econômico para a Região Sudeste, a capital da Colônia, até então Salvador, foi transferida, em 1763, para o Rio de Janeiro, que escoava por seu porto a maior parte da produção aurífera.

Estima-se que 1.000 toneladas de ouro tenham sido extraídas das minerações da Colônia durante a corrida do ouro, que teve sua maior produção entre 1734 e 1739, alcançando 14,1 toneladas anuais.

Como esperado, a maior parte do ouro brasileiro não ficava em nosso território. Calcula-se que 80% tenham sido enviados para a Europa.

Tudo isso acontecia sob a regência de D. João V, que governou entre 1707 e 1750, 24º rei de Portugal, pertencente à dinastia Bragança. O monarca possuía grande habilidade diplomática, evidenciada com a assinatura de vários tratados internacionais. Era fiel à fé cristã católica e, costumeiramente, atendia aos desejos papais. Um homem culto, que estudava matemática, ciências, artes e história da corte.

Com seu reinado, além do desenvolvimento das vilas e municípios, D. João V deixou para a posteridade um relevante conjunto de séries monetárias, hoje considerado um dos mais importantes, belos e extraordinários da numismática em nível mundial.

Os governantes seguintes, D. José I, D. Maria I e D. Pedro III (Casal Real) e D. João, Príncipe Regente, não tiveram a mesma prosperidade. Sentiram os efeitos da exaustão das minas e a consequente redução da produção aurífera, que teve seu fim decretado em 1817, por D. João VI.

O Dobrão Brasileiro

O ouro produzido no Brasil, além de representar acúmulo de riquezas, era empregado nos revestimentos internos das igrejas, nas artes sacras, na confecção de objetos de desejo e ostentação e, sem dúvida, na produção de moedas do Brasil e de diversos países. Por exemplo, cerca de 30% das moedas francesas cunhadas em 1786 tiveram como matéria-prima o ouro do Brasil.

As moedas de ouro representavam, no seu peso metálico, o poder de aquisição de bens e serviços. Assim, a partir da moeda de 400 réis de 1730, com peso em ouro de 1,075 grama, as demais moedas da série, a saber, 1.000, 2.000, 4.000, 10.000 e 20.000 réis, esta última conhecida como Dobrão, continham o equivalente em metal que obedecia a uma relação de peso proporcional ao valor facial monetário.

O Dobrão, pesando aproximadamente 54 gramas de ouro (916,6% de pureza) e com 37 mm de diâmetro, caracterizou-se como uma das moedas de maior poder de compra em nível mundial durante seu período de circulação. Com um dobrão era possível comprar 12 bois e, com quatro dobrões, um senhor de engenho poderia adquirir uma escrava jovem.

Os Dobrões foram produzidos em 1724, 1725, 1726 e 1727, sendo os do primeiro ano os de maior raridade. Ao todo foram cunhados 226.810 dobrões, o equivalente a 11.200 kg de ouro puro.

O Dobrão traz, no anverso, o brasão de Portugal em estilo barroco e a coroa real, ladeados pelo nome e título do governante, com a seguinte legenda: IOANNES. V. DG. PORT. ET.ALG. REX, abreviação da inscrição latina IOANNES QUINTUS DEI GRATIA PORTUGALIAE ET ALGARBIORIUM REX D., significando: D. João V, por graça de Deus, rei de Portugal e do Algarve. Ainda no anverso, estão cinco florões do lado direito do brasão e, no lado esquerdo, o valor de 20.000 réis. Logo após a sua cunhagem, o Dobrão teve seu poder aquisitivo valorizado pela população a 24.000 réis.

No reverso, o Dobrão traz, no centro, a Cruz da Ordem de Cristo, com quatro letras M, identificando a Casa da Moeda de Minas Gerais. Completam a descrição do reverso, a data de cunhagem e a inscrição latina IN HOC SIGNO VINCES, significando "Por este sinal nasceu e vencerás", manifestando, mais uma vez, a obediência à fé católica.

20.000 Réis 1274- 1727 - Ficha Técnica:
Casa da Moeda: Vila Rica;
Letra Monetária: MMMM;
Metal: Ouro, 916,6%;
Diâmetro: 37 mm;
Peso: 53,7 gramas;
Borda: Serrilhada;
Anverso: legenda IOANNES. V. DG. PORT. ET.ALG. REX. Escudo Português ladeado por valor de 20.000 réis à esquerda e 5 florões à direita. Acima, Coroa Real;
Reverso: legenda IN HOC SIGNO VINCES, Cruz da Ordem de Cristo, ladeada pelas 4 letras monetárias M e pela data de cunhagem.

No reinado de D. João V, não temos somente a série dos dobrões como elemento marcante da numismática brasileira. Por exemplo, na série dos escudos, que pela primeira vez traz estampada a efigie de seu soberano, destaca-se a moeda de ouro 12.800 réis (28,7g), grande, vistosa e imponente. Contudo, essa é uma peça que merecerá destaque em outro artigo.

Referências:

Amato, Cláudio; Neves, Irlei e Russo, Arnaldo. **Livro das Moedas do Brasil,** 13ª edição. Edição do Autor, São Paulo, SP.
Figueiredo, Lucas. **Boa Ventura – A corrida do ouro no Brasil**, 5ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 2012;
Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial**, 3ª edição. MBA Editores, 2014.
Gallas, Fernanda D. e Gallas, Alfredo O.G. **O Barroco no Reinado de D. João V – Arquitetura, Moedas e Medalhas**, Edição do Autor, Bragança Paulista, 2012.
Gallas, Fernanda D. e Gallas, Alfredo O.G. **As moedas Contam a História do Brasil,** Editora Magma Cultura, Rio de Janeiro, 2007.

(*) Juliano Natal
E-mail: juliano_natal@yahoo.com

A Maximafilia e as emissões brasileiras das séries "Relações Diplomáticas" e "Emissões Conjuntas".

Ernani Santos Rebello - Florianópolis, SC (*)

O máximo postal é uma peça filatélica constituída por três elementos, a saber, cartão-postal, selo postal e carimbo postal, devendo esses três elementos guardar entre si concordância **de tempo, lugar e motivo**, conforme as regras de Maximafilia da Federação Internacional de Filatelia (FIP). A **concordância de tempo** se manifesta na data existente no carimbo. O carimbo pode ser: de 1º dia de circulação (alusivo à emissão), comemorativo ou de expedição (datador). O ideal é que o carimbo seja o de 1º dia de circulação. A **concordância de lugar** é verificada pelo nome da localidade que aparece no carimbo e que deve ter relação direta com o tema do selo postal. A **concordância de motivo** fica clara quando o cartão-postal utilizado, e se possível o carimbo, apresenta o mesmo motivo estampado no selo sem que dele seja, no entanto, cópia fiel. Vale lembrar que o selo e o carimbo devem ser colocados no anverso (frente) do cartão-postal.

A partir de 2002, surgiram várias emissões brasileiras das séries "Relações Diplomáticas" e "Emissões Conjuntas" com outros países: Brasil-Irã (2002); Brasil-Líbano (2003); Brasil-Cuba (2005); Brasil–Canadá e Brasil–Uruguai (ambas de 2007); Brasil-França (2008); Brasil-China, Brasil-Chile, Brasil-Tailândia, Brasil-Líbano, Brasil-Rússia, Brasil-Holanda, Brasil-Portugal, Ano da França no Brasil, Brasil-Coréia do Sul e Brasil-Hong Kong (todas de 2009); Brasil-Itália, Brasil-Síria, Brasil-Maláui, Brasil-Egito e Brasil-Zâmbia (todas de 2010); Brasil-Paraguai, Brasil-Ucrânia, Momento Itália-Brasil, Brasil-Sérvia, Brasil-Bélgica e Brasil-Qatar (todas de 2011); Brasil-México e Brasil-Portugal (ambas de 2012); Brasil-Georgia, Brasil-República Tcheca, Brasil-Alemanha e Brasil-Quênia (todas de 2013); Brasil-Filipinas e Brasil-Peru (ambas de 2014).

Algumas dessas emissões permitem a preparação de máximos postais, como é o caso da emissão Brasil-Paraguai, de 2011 (figura 1).

Figura 1 - Cartão postal da editora Mundial Com. De Postais ltda. – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Paraguay – carimbo de 1º dia de circulação – Foz do Iguaçu, PR.

Nesse caso, além do cartão-postal nacional concordante visualmente com a imagem retratada no selo (vista panorâmica da usina hidrelétrica de Itaipu), o carimbo de 1º dia de circulação é de Foz do Iguaçu/PR, o que torna perfeita a concordância de local. A ilustração constante desse carimbo, que também lembra a usina, faz resultar um máximo postal com a chamada CONCORDÂNCIA TRÍPLICE.

Em outras emissões, por exemplo, Brasil-Egito, de 2010, não é possível a preparação do máximo postal, vez que, mesmo que se consiga um cartão-postal concordante visualmente com a imagem retratada no selo (Templo de Ramsés II, localizado em Abu Simbel, no Egito) o carimbo de 1º dia de circulação é de Brasília/DF, o que torna impossível a concordância de local. Essa situação ocorre com várias emissões, cujas imagens mostradas nos selos não guardam concordância com as localidades onde foram emitidos os carimbos. É o caso das emissões Brasil-Líbano, de 2003 e 2009 (carimbos de São Paulo/SP e São José do Rio Preto/SP), Brasil-Canadá, de 2007 (carimbos de Brasília-DF, São Paulo-SP e Belo Horizonte/MG), Brasil-Rússia, de 2009 (carimbo de Brasília/DF), entre outras.

Há inclusive emissões com mais de um selo, com os quais, por falta de concordância de local, não é possível preparar máximos postais. Isso ocorre, por exemplo, na emissão Brasil-Zâmbia, de 2010 (carimbo apenas de Brasília/DF). Os seis selos que compõem essa emissão nada têm a ver com Brasília/DF. Cinco desses selos mostram animais selvagens africanos em seu habitat natural e o último mostra as Cataratas Vitória, situadas entre a Zâmbia e o Zimbábue. Situação idêntica ocorre com as emissões Brasil-Chile, cujos selos mostram a foca-leopardo e o urso-polar em seu habitat natural (carimbos de Brasília/DF e Porto Alegre/RS) e Brasil-Maláui, cujo bloco é composto por três selos representando peixes ornamentais do Lago Maláui (carimbo apenas de Brasília/DF).

Algumas emissões permitem a preparação de máximos postais, utilizando-se apenas alguns de seus selos, como no caso da emissão Brasil-Tailândia, de 2009. Dessa emissão não é possível utilizar o selo do Salão do Trono Dusit Maha Prasat, situado em Bangcoc, na Tailândia, mas foi possível usar o selo da Catedral São Pedro de Alcântara, localizada em Petrópolis/RJ, pois ali foi emitido o carimbo de 1º dia de circulação (figura 2).

Figura 2 – Cartão postal da editora Litocart – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Tailândia – carimbo de 1º dia de circulação – Petropolis, RJ.

Outro exemplo é a emissão Brasil-Holanda, também de 2009. Com essa emissão foi possível o máximo postal com o selo da Rua da Aurora e também com o selo do Palácio do Campo das Princesas (motivos referentes à capital pernambucana), pois existe o carimbo de 1º dia de circulação, da cidade do Recife/PE (figura 3).

Figura 3 – Cartão Postal da editora Dicol – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Holanda – carimbo de 1º de de circulação – Recife, PE.

Figura 4 – Cartão postal da editora Schmittstamps – Emissão Conjunta Brasil-Portugal – carimbo de 1º dia de circulação Florianópolis-SC

Em emissões que retratam personalidades, como no caso do poeta catarinense Cruz e Sousa, presente na emissão conjunta Brasil-Portugal, de 2012, foi possível preparar o máximo postal com o carimbo de 1º dia de circulação de Florianópolis/SC, cidade onde nasceu o poeta (figura 4).

A regra FIP também permite que a obliteração seja feita em um lugar relacionado com o trabalho ou aspecto da atividade do homenageado. É o que acontece com a emissão Brasil-França (Ano da França no Brasil), de 2009. Foi possível fazer o máximo postal com o carimbo de 1º dia de circulação da cidade do Rio de Janeiro/RJ, pois o selo traz a imagem do arquiteto francês Le Corbusier, tendo ao fundo detalhes do antigo prédio do Ministério da Educação, situado naquela cidade. O projeto arquitetônico do prédio teve a participação direta de Le Corbusier (figura 5).

Nas emissões que retratam obras de arte, os máximos postais podem ser preparados com carimbos de 1º dia dos locais onde se encontram as obras ou onde foram criadas. No caso da emissão Brasil-Geórgia, de 2013,

Figura 5 – Cartão postal editado por Erich Joachim Hess – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-França - carimbo de 1º dia de circulação Rio de Janeiro, RJ.
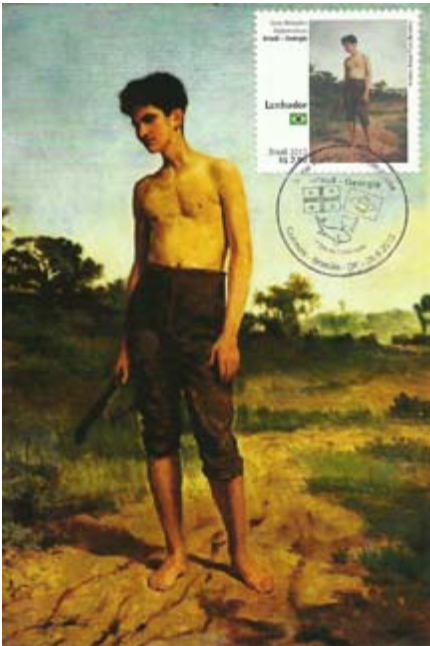
Figura 6 - Cartão Postal edição particular – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Georgia – carimbo de 1º dia de circulação Brasilia.

um dos selos mostra a obra “Lenhador”, do artista fluminense Antônio Rafael Pinto Bandeira. Essa obra encontra-se no Museu Antonio Parreiras, situado na cidade de Niterói/RJ e, dessa forma, foi possível a preparação do máximo postal, eis que lá foi emitido o carimbo de 1º dia de circulação (figura 6).

Às vezes, ocorrem emissões que retratam, no mesmo selo, temas nacionais e estrangeiros. Nesses casos, os máximos postais são possíveis apenas com os temas nacionais. É o que se observa nas emissões Brasil-Síria (2010), Brasil-Ucrânia e Momento Itália-Brasil, ambas de 2011. No caso da emissão Brasil-Síria, de 28.6.2010, o selo mostra a cidade de Maalula

Figura 7 – Cartão postal Editora Silvio Relvas – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Siria – carimbo ordinário datador do Rio de Janeiro.

(Síria) e o Cristo Redentor (Rio de Janeiro). O máximo postal foi possível com a utilização de um cartão-postal do Cristo Redentor e o carimbo ordinário datador, do Rio de Janeiro (figura 7).

Na emissão Brasil-Ucrânia, o selo mostra duas igrejas Cristãs Ucranianas, uma na cidade de Kyiv, Ucrânia, e outra na colônia ucraniana brasileira, na cidade de Mallet, no Estado do Paraná. Nesse caso, o máximo postal foi possível com um cartão-postal da Igreja de São Miguel Arcanjo, construída pelos imigrantes ucranianos em Mallet/PR, e o carimbo de 1º dia de circulação emitido nesta cidade (figura 8).

Figura 8 – Cartão Postal edição particular – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Ucrania – carimbo de 1º dia de circulação Mallet, PR.

Figura 9 – Cartão postal Edicard – Emissão Relações Diplomáticas Brasil-Belgica – carimbo de 1º dia de circulação – Salvador, BA.

Na emissão Momento Itália-Brasil, de 12.10.2011, o selo mostra o Coliseu, em Roma, e o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Como não houve carimbo de 1º dia de circulação para essa emissão na cidade do Rio de Janeiro, o máximo postal foi possível com um cartão-postal do Cristo Redentor e um carimbo de expedição (datador) de uma agência postal da cidade do Rio de Janeiro (figura 9). De preferência, a agência deveria ser a mais próxima ao monumento.

Bibliografia:

Federação Internacional de Filatelia (FIP), Diretrizes para Avaliação das Participações de Maximafilia em Exposições FIP, Jacarta/Indonésia, 2012;
Gabriel, Agnaldo de Souza, *"A importância do carimbo em um máximo postal"*, Revista Eletrônica da FEBRAF, Ano I, Nº 2, Dezembro de 2014;
Editais das emissões das Séries "Relações Diplomáticas" e "Emissões Conjuntas" – Correios;
Meyer, Peter, Catálogo de Selos do Brasil, Editora RHM Ltda., 58a edição, São Paulo/SP, 2012.

(*) Ernani Santos Rebelo
E-mail: postalfloripa@yahoo.com.br

Reuniões regulares da AFSC
Quintas-feiras, a partir das 18 horas
Sábados, a partir das 14:30 horas

PARTICIPE!

Se você ainda não é associado da AFSC, venha fazer parte de nossa Associação:
Procure um de nossos diretores.

ou preencha a ficha de associação em:
www.afsc.org.br

Maximafilia
O Farol de Laguna - SC

Aluísio Queiroga - Brasília, DF (*)

Emissão: 17.04.2009. Farol de Santa Marta – Laguna - SC – Correios/SANTUR.
Postal: Farol de Santa Marta – Laguna - SC S/Ed.
Obliteração: Ordinária – 18.06.2009 – Laguna - SC.

O selo utilizado no máximo postal acima, retratando o Farol de Santa Marta, na cidade de Laguna, sul do Estado de Santa Catarina, faz parte da folha de selos personalizados emitida pela ECT - Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em 2009. O máximo postal foi obliterado com o carimbo de expedição (datador) da cidade de Laguna/ SC, em virtude de não ter sido emitido carimbo de 1º dia de circulação alusivo à emissão.

O Farol de Santa Marta já foi motivo da emissão de outro selo postal, o RHM C-945, emitido pelos Correios em 29.07.1976, comemorando o tricentenário de fundação da cidade de Laguna. Conforme esclareceu o Sr. Salum Nacif, à época Presidente do Clube Filatélico e Numismático de Laguna, a ECT, em 1976, procurou emitir um selo que realçasse um monumento, testemunho de reminiscências históricas na região de Laguna, *"encontrando no simbolismo da estrutura imbatível de um FAROL, o tema ilustrativo do selo, tal qual uma bússola orientadora que irradia às gerações, focos de progresso"*. [2]

RHM C-945

Localizado no Cabo de mesmo nome, o Farol de Santa Marta ocupa uma área de 16.900 m2 e está localizado no topo de um morro, em um pequeno promontório, distante 17 Km do centro de Laguna, a 28 metros acima do nível do mar (Latitude 28º36's e Longitude 48º49'w). A sua construção foi decidida pela Marinha Imperial, em 1880, tendo em vista a zona perigosa à navegação nas proximidades do Cabo, cenário de muitos naufrágios de navios e embarcações menores.
Fabricado, sob encomenda, pela firma francesa Barbier, Bernard & Turenne (BBT) o aparelho óptico foi entregue em 1890, mas a inauguração do farol só ocorreu em 11.06.1891, em alusão à Batalha Naval do Riachuelo. Para sustentar o pesado aparelho, as paredes da torre foram construídas com dois metros de espessura.

O Farol foi alimentado a querosene durante 50 anos, até que, em 07.02.1941, ocorreu a eletrificação por meio de geradores a diesel e, em 1981, entrou em funcionamento a iluminação utilizando energia elétrica comercial. A lanterna, situada a 29 metros de altura, mantém um setor fixo de luz vermelha, indicando a direção da perigosa Pedra do Campo Bom causadora de tantos acidentes. Com alcance luminoso de 46 milhas náuticas, o Farol de Santa Marta é considerado o maior das Américas e o terceiro do mundo em seu gênero.

Bibliografia:

1. *Luzes do Novo Mundo – História dos Faróis Brasileiros* – Siqueira, Ricardo e Dantas, Ney – Luminatti*Editora – Marinha do Brasil – 2002
2. *Edital Nº 14 – 1976 – Nº 004859 – Série Histórica - Tricentenário da cidade de Laguna* – Correios
3. viagemfaroldesantamarta-laguna.blogspot.com/
4. *Catálogo de Selos do Brasil 2010* – 57ª Edição – Editora RHM
5. Máximo postal do acervo do autor.

(*) Aluisio Oliveira de Queiroga
E-mail: queiroga60@yahoo.com.br

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim - Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, no mês de agosto - mês do seu aniversário de Fundação -, o tradicional Encontro de Colecionadores. Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos associados, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes em Florianópolis, com idade a partir de 18 anos	R$80,00
Juvenis - com idade inferior a 18 anos	R$20,00
Correspondentes no Brasil - residentes fora de Florianópolis	R$40,00
Correspondentes no Exterior - residentes fora do Brasil	US$ 35,00

Associe-se! Envie-nos cópia preenchida da ficha abaixo.

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____

Endereço ou Cx. Postal: ______________________________

CEP: __________ Cidade: ____________________ Estado: _______

Telefone: _____________ Profissão: ___________________________

Sexo: ___________ Data de nascimento: _______________________

E-mail: ____

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: _____________ Assinatura: ___________________________

Santa Catarina Filatélica – nº 69 – Março 2015

ERRATA

Página 34:
A Maximafilia e as emissões brasileiras das séries "Relações Diplomáticas" e "Emissões Conjuntas". Os autores do artigo são os maximafilistas Aluisio Oliveira de Queiroga – Brasília, DF e Ernani Santos Rebello – Florianópolis, SC.

Página 38:
A legenda da figura 9 está incorreta. A legenda correta é:
Cartão Postal Litocart – Emissão Momento Itália-Brasil, 2011 - carimbo de expedição (datador) da Agência Filatélica do Rio de Janeiro, RJ.